

O ESPECIALISTA NO TRATAMENTO DE EX-FUMANTES

SÉRGIO Leite Rodrigues, colega de profissão de Mirelle, chegou a Brasília em 1997 com uma mala pequena na mão e uma vontade enorme de vencer. Veio de Natal (RN) para fazer mestrado em reabilitação de doenças pulmonares no Departamento de Ciências de Saúde da Universidade de Brasília. Nem tinha onde dormir na primeira noite. “O primeiro lugar que conheci em Brasília foi uma loja de colchões”, lembra, entre risos.

O fisioterapeuta trabalhou durante um ano como voluntário do **HOSPITAL UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA** (HUB). Pelo visto, fez um bom serviço: em 1999 foi convidado para assumir a chefia do Centro de Fisioterapia e Reabilitação do HUB. Aceitou na hora.

Sérgio traz ex-fumantes de volta à vida. Os pacientes que ele atende têm dificuldades para correr, caminhar ou mesmo realizar movimentos simples — como escrever ou levantar um dos braços. “O cigarro provoca doenças respiratórias que limitam a prática de exercícios físicos. Minha função é tentar reverter essa situação”, explica.

Ele trabalha numa sala repleta de esteiras, pesos e bicicletas ergométricas. O espaço mais parece uma academia de ginástica — não fosse pelos tubos de oxigênio espalhados pelos cantos para casos de emergência.

Todas as manhãs, grupos de ex-fumantes chegam lá para praticar exercícios sob orientação do fisioterapeuta. Pessoas maltratadas por um vício que não escolhe idade, sexo ou classe social. “Aqui tem do gerente de banco ao moço que vende algodão-doce no Parque da Cidade”,



SÉRGIO CHEFIA O CENTRO DE FISIOTERAPIA DO HOSPITAL UNIVERSITÁRIO

HOSPITAL UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA

É no Hospital Universitário de Brasília (HUB), onde trabalha Sérgio, que os muitos médicos, enfermeiros e outros especialistas iniciam a vida profissional. O hospital apóia nove diferentes cursos da Universidade de Brasília. Além do HUB e do Sarah Brasília, existem 13 hospitais em todo o Distrito Federal, mais três Unidades Mistas de Saúde, 63 Centros de Saúde e 29 Postos de Saúde, 23 deles na área rural. Sem contar a Fundação Hemocentro de Brasília e os 18 Laboratórios Centrais de Saúde. No centro de toda essa rede está o Hospital de Base do Distrito Federal (HBDF), que no ano passado fez 470.582 atendimentos só no ambulatório e na emergência. É o maior hospital do DF, com 41 especialidades no ambulatório, 32 na internação e 17 na emergência. Em toda a rede pública de saúde, foram 4.721.462 atendimentos no ano passado, 19,47% a mais que em 1999.

conta Sérgio. As sessões de ginástica começam às oito e vão até o meio-dia.

O potiguar de 28 anos e sotaque carregado gosta de morar em Brasília. “O mercado aqui é bem abrangente. Em cidades como São Paulo e Rio de Janeiro, a competição é bem mais acirrada e excludente. Todos os colegas que conheço em Brasília estão trabalhando”, afirma. Sérgio também não pensa em voltar para o Rio Grande do Norte — a não ser para passar as férias. “Prefiro ascender profissionalmente por aqui a me acomodar por lá”, justifica.

Além de atender no HUB, o fisioterapeuta dá aulas na Universidade Católica de Brasília (UCB). Ele mora em Águas Claras porque não se atreve a pagar o aluguel alto que se cobra no Plano Piloto. “Moro num apartamento enorme e confortável. Se fosse viver na Asa Norte, só ia conseguir pagar uma quitinete ou um apartamento de um quarto”, compara.

Ao contrário do Plano Piloto, os prédios residenciais de Águas Claras podem ultrapassar 12 pavimentos e chegar a 20 andares. O GDF ainda não concluiu os serviços de iluminação pública, saneamento básico e projetos paisagísticos no setor.

O expediente no HUB termina quando a tarde começa. Sérgio recolhe alguns apetrechos e fecha a porta da sala de fisioterapia. Traz a tira-colo uma máquina fotográfica para capturar imagens de pessoas comuns: paisagens vivas de Brasília.

Ele caminha até o estacionamento do hospital e entra sozinho no carro. Dirige até o portão de ferro que dá acesso à via L2 Norte. Engata a primeira marcha, mas pára na faixa de pedestres para Ilda atravessar a rua em segurança.